



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fauesp

e-ISSN: 2675-1186

ARTE CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo Científico apresentado

SÃO PAULO
2023

ARTE CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO INFANTIL

O assunto deste artigo vem de encontro com dados e experiências colecionadas em artes manuais em educação infantil no qual atuo.

A arte contemporânea pode ser uma das principais referências em proposta pedagógicas na Educação Infantil, tendo em vista sua concepção interrogativa, crítica e lúdica, convite para que os espectadores participem das obras em pensamentos ou em ações.

As provocações da arte contemporânea sugerem uma pedagogia provocativa em arte, propiciando uma oportunidade de as crianças expressarem o mundo de forma crítica, sensível, buscando suas próprias respostas sobre a vida por meio de produções artísticas, singulares e contemporâneas.

Metaforicamente, o texto pode ser uma bagagem que pode possibilitar a reflexão de uma potência nas artes visuais e da arte contemporânea no trabalho com as crianças a partir de uma docências investigativa e inventiva.

As crianças já nascem criando instalações. Elas tem um talento natural para construir, juntar, dar substância e inventar histórias e cenários complexos. Observar equilíbrio e desequilíbrio, experimentar as possibilidades dos materiais, criar ambientes jamais vistos anteriormente e descobrir. O processo de construção é o mais comum para elas, isto é, se elas tiverem a oportunidade de experimentar texturas diversas.

É preciso dizer que, em suas oficinas de arte, a artista-educadora observa as habilidades que as crianças tinham para construir, juntar, modificar o espaço, intervindo no ambiente e atribuindo-lhe novos significados, criando instalações e histórias que em sua análise, estavam muito próximas às idéias e construções da arte contemporânea.

A argumentação principal deste texto se sustenta na premissa de que novas concepções sobre arte produzem nossos modos de planejar e desenvolver propostas nos contextos educacionais . Para tanto, sugere-se que escolas e professores se aproximem da arte produzidas em nosso tempo, atualizando conceitos, o olhar e as formas de produzi-las nos últimos cem anos. Deste modo, são tecidas reflexões sobre possíveis maneiras de ensinar arte para crianças na contemporaneidade.

Concepções e obras de arte são voláteis, algumas permanecem como sendo arte por séculos e outras são efêmeras e esquecidas. Um exemplo clássico foi a primeira exposição dos impressionistas (1874) não considerada arte pela elite cultural de Paris, tendo em vista que somente se consagravam os artistas, hoje completamente esquecidos, que se enquadrassem dentro da arte acadêmica ou neoclássica. Monet, Manet, Renoir, Picasso, Sisley, Van Gogh, Degas, Cézanne e suas obras foram reconhecidas somente no século XX e tornaram-se grandes ícones da arte mundial.

Socialmente, as concepções sobre arte são construídas em determinados contextos culturais e econômicos. Concepções, teorias e um conjunto de objetos ou ações são validados por grupos sociais em períodos históricos. Também em locais expositivos, textos críticos e publicações diversas contribuem para que sejam formuladas nossas definições sobre o que é arte.

A história da arte, museus, centros culturais, livros, filmes, catálogos de exposições, souvenirs, notícias em jornais, TV, Internet, práticas pedagógicas vivenciadas nas escolas, informações aqui e acolá produzem em nós os conceitos sobre o que é arte. Cunha (2001), em suas análises sobre as relações entre os modos de entender e os modos de ensiná-las, afirma que a visão predominante de arte da maioria das pessoas centra-se nos grandes movimentos europeus, em alguns artistas e em algumas obras emblemáticas que são produzidas em camisetas,, canecas, panos de prato, bolsas, entre tantos outros artefatos que tomaram a arte do passado popular entre nós.

De várias maneiras, as idéias sobre arte se propagam nos contextos educativos, e a miscigenação de informações, sejam elas

,do campo acadêmico ou do senso comum sobre o campo da arte configuram modos de ensiná-las em diferentes níveis educativos. Muitas vezes, a instituição escolar não atualiza as concepções de arte como faz em outros campos do conhecimento e continua reafirmando um pensamento sobre ela calcando em uma matriz clássica, aqui entendida como período Renascentista ao Neoclássico e na Arte Moderna, do Romantismo às Vanguardas do início do século XX.

Aguirre (s/d,p. 3) aponta as idéias dominantes, fundadas na modernidade, sobre a arte e seu ensino em termos da formação dos sujeitos. Segundo o autor, as ideias recorrentes seriam a filarracionalista, que teria como princípio ideais de beleza: a educação artística objetivaria o desenvolvimento do gosto e da sensibilidade estética; e a emotivista, baseada na idéia da arte como expressão de sentimentos e moçpões; seu ensino propiciaria as manifestações de liberdade. No Brasil, tais concepções se confuguram nas pedagogias tradicionais, tecnicistas e expressivistas, mesclando-se e intercalando-se em vários períodos históricos.

E A ARTE DO NOSSO TEMPO?

Raramente encontramos propostas educativas na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental sob a perspectiva da arte nos últimos cinquenta anos, que poderíamos denominar, grosso modo , como arte contemporânea ou pôs moderna. Para Cauquelin (2005, p.18), a arte do passado nos impede de captar a arte de nosso tempo. Em muitas propostas educativas, nota-se uma nostalgia da arte do passado, impedindo um olhar atento e compreensível para o que se produz hoje. Segundo Cunha (2012, p. 117), o paradigma que muitas vees orienta o pensamento pegagógico em arte funda-se em critérios de arte de um tempo e de uma sociedade que não é a qual vivemos.

No entanto, há mais de cem anos, surgiu outrsa modalidade de arte, as vanguardas artísticas, que romperam com padrões estético hegemônicos, inaugurando poéticas do cotidiano e a beleza grotesca. Pode-se assim afirmar que a arte de hoje sofreu transformações radicais, oriundas dos movimentos vanguardistas no que se refere aos materiais, às temáticas, e aos formatos.

ARTE CLÁSSICA OU CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Diferentemente do que ocorreu em outros períodos históricos, a arte contemporânea não tem como características um conjunto de artista com afinidades formais, estéticas, temáticas. O que caracteriza a maioria dos artistas é a postura exploratória, contestatória e crítica dos grandes paradigmas da arte, entre elas, a dissolução das categorias clássica como pintura, escultura, desenho e os padrões estéticos da beleza clássica. Também se nota, entre os artistas atuais, a valorização e documentação dos processos, as obras como propulsoras de questionamentos sociais, políticos, não encerrando mais verdades nelas próprias, mas abrindo possibilidade para que o espectador complete a obra com suas referências, segundo Canton (2013, p. 139), "sem ser impulsionada por um projeto sociopolítico específico e sem o respaldo de movimentos ou manifestos, a ação artística contemporânea se engaja em tentativas de restabelecer na arte uma conexão com o observador de forma a incitar nele algum tipo de postura diante do mundo e da vida".

Outro aspecto relevante da arte contemporânea é que não há uma intenção do artista de narrar eventos ou expressar sentimentos individuais, mas provocar a criação de outros pensamentos e narrativas sobre o mundo, ou sobre, ou sobre o que poderia ser. O importante é observar que se nossa compreensão sobre a arte é que ela TRANSMITE MENSAGENS, é uma produção expressiva do interior de cada um, reproduz alguma coisa externa ou interna, uma forma de expressar sentimentos, medos, incertezas para outros indivíduos, como algo bonito e agradável, deve ser bem feita, nosso pensamento pedagógico estará subordinado às concepções de arte de outro tempo que não é o nosso, e as propostas pedagógicas, em consonância a esse pensamento, usarão fazer com que as crianças e jovens se aproximem e realizem trabalhos dentro de uma abordagem em arte distante das concepções de arte de hoje.

No que se refere ao contexto da Educação Infantil, ainda há ações pedagógicas orientadas na perspectiva da arte clássica, em que crianças de três a quatro anos desenhavam em folhas brancas A4 (seria uma reprodução em tela branca) uma história os feitos históricos retratados na arte, um passeio, a família (tradição do retrato familiar)

Mas por que sugerir “temáticas” se arte de hoje não em mias esta ingenuidade? E por que tais temáticas? Será que as crianças pequenas não gostariam de apenas realizar experimentações nas superfícies, objetos e materiais? Apenas brincar, transformar e descobrir o que dá para fazer com um pincel quase seco ou com muita tinta?

Staccioli(2011,p. 22) comenta que a expressão gráfica das crianças é camaleônica e disante de temas predefinidos por adultos: Uma criança que inicia um desenho pode ter um projeto, uma idéia inicial. Ao mesmo tempo, não se sente obrigada a ter que manter o ponto de partida inicial. Se durante a elaboração do desenho, um signo gráfico, uma cor, um estímulo externo, oferecem-lhe uma sigstão diferente, eles podem tornar-se um caminho a ser percorrido, uma pista a ser explorada, um itinerário para um novo prazer e uma diversão.

Além das temáticas sugeridas, durante o processo do desenho, professores recomendam colorir dentro das linhas e aconselham crianças a não borrarem, resgarem, amassarem, perfurarem a superfície. Ou seja, o suporte a folha, deve ficar intacto e receber o desenho, entendido como um produto bem acabado, que deve portar uma mensagem inteligível para os outros. Nessa orientação pedagógica, os processos de descobertas , matérias, espacial, formal, colorística na feitura do desenho são poucos valorizados e explorados. Pode-se dizer que nesse tipo de ação pedagógica, há rastros de uma concepção de arte clássica em que o suporte fica intacto, distancia-se das demandas das crianças e do que se compreende por arte na atualidade.

As demandas das crianças pequenas, de fato, são exploratórias: Amassar, rasgar, furar, molhar, provar, roçar pelo corpo os materiais, ações comuns que devem ser incentivadas .

Com a conclusão deste texto, é que a experiência das crianças com a arte está na dimensão da experiência sensível, um momento de desbravar caminhos em uma expedição que não finda. Um caminho de sensibilidades, um encontro entre o educador e as crianças.

Encontro de corpos que falam, de olhos que buscam e de mãos que se entrelaçam, carregadas de "porquês".

Bagagem cheia de graça, uma oração dos sentidos e do imenso prazer e dor não passar pela experiência, mas de estar dentro dela, totalmente envolvido.

Não esquecendo dos bebês também, que quer experimentar tudo a sua volta, sentir o gosto das coisas, a textura, cheiros, engatinhar, pegar, segurar, enfim. Percebendo as suas necessidades, é importante que se organizem no sentido de lhes oportunizar essas experiências, que devem potencializar a curiosidade deles, e, para isso, serem o mais diversificado possível: abetos, iluminados ou às vezes com meia luz; formando cantos encantados – tendas, caixas, livros, objetos, brinquedos e etc.

Nesse aspecto social é também desenvolvido, uma vez que compartilham objetos e espaços com os outros, interagem e aprendem a dividir, negociar e argumentar, mesmo que apenas em gestos.

Importante mais uma vez ressaltar, que o professor tem toda ferramenta criativa para estimular todo esse movimento em prol da arte espontânea e contemporânea. Basta pesquisar e construir junto essa experiência rica e sensível.

REFERÊNCIAS:

AGUIRRE, Imanol. Hacia uma nueva narrativa sobre los usos del arte em la escuela infantil.

ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes.

AZEVEDO, Ana Luiza. Dona Cristina perdeu a memória. Porto Alegre: Casa de Cinema do Porto Alegre, 2002. ! bobina cinematográfica.

BARBIERI, Stela. Interações: onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

CHIARELLI, Tadeu .Grupo de estudos em curadoria. São Paulo: Museu de arte Moderna, 1998.

CASTRO, Lucia R. de ; BESSET, Vera L. Pesquisa-intervenção na infância e juventude, Rio de Janeiro; NAU, 1998.